

**Editar como um acto de resistência:
Relatório de Estágio na Cotovia**

Cheila Sofia Crispim Matos

**Relatório de Estágio
de Mestrado em Edição de Texto**

Março, 2018

**Editar como um acto de resistência:
Relatório de Estágio na Cotovia**

Cheila Sofia Crispim Matos

**Relatório de Estágio
de Mestrado em Edição de Texto**

Março, 2018

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto realizado sob a orientação científica do Professor Doutor
Fernando Cabral Martins

Um acto de resistência, um compromisso com a qualidade, um amor muito grande aos livros – por oposição a “ao livro”, esse singular objectal abstractizante na boca de tudo o que é mercantilista.

Daniel Jonas

Agradecimentos

Ao professor Fernando Cabral Martins, pelos conselhos e ajuda na redacção deste relatório.

A toda a equipa da Cotovia, pelo apoio, tempo disponibilizado para me acompanhar e, principalmente, pelos três meses de aprendizagem que me proporcionaram a nível académico e pessoal.

Aos seguintes, para quem 25 páginas nunca chegariam para dizer o quão importantes são para mim e o quão relevante foi a vossa presença e apoio durante todo este processo:

À minha mãe, por ser a presença constante que mais me motiva, por acreditar em mim e por nunca me deixar desistir.

Aos meus avós, por terem sempre respeitado e incentivado ainda mais o meu interesse pelas letras e por me terem dado as ferramentas necessárias para chegar até aqui.

Ao meu João, pela paciência, carinho, companheirismo e incentivo de sempre, mas que também facilitaram os meus dias durante o estágio e a escrita deste relatório.

À Marta, a Amiga de sempre a quem estou grata por tudo aquilo que já passámos, mas sobretudo por ser a pessoa com quem discuto sobre literatura e por isso aquela que, de certa forma, contribuiu para que chegasse até aqui.

Editar como um acto de resistência: Relatório de Estágio na Cotovia

Cheila Sofia Crispim Matos

RESUMO

No âmbito da componente não lectiva do Mestrado em Edição de Texto, este relatório tem como principal objectivo ser o reflexo de três meses de trabalho como estagiária na Cotovia, uma das mais reconhecidas editoras independentes de Portugal.

Através da descrição e análise pormenorizada das diversas tarefas desenvolvidas, pretende-se estabelecer uma conexão com o processo de edição de um livro e com o funcionamento do mercado editorial e livreiro.

Serão também abordadas questões relacionadas com aquilo que caracteriza e o modo específico como esta editora funciona.

Apostando-se numa abordagem prática, suportada por algumas considerações teóricas, serão mencionadas as principais dificuldades encontradas ao longo deste percurso e a forma como as mesmas foram resolvidas.

Finalmente, encontrar-se-á também uma breve reflexão sobre um caso particular que, devido às suas características, se pode comparar à história da Cotovia.

PALAVRAS-CHAVE: edição de texto, estágio

Publishing as an act of resistance: Internship Report on Cotovia

Cheila Sofia Crispim Matos

ABSTRACT

As part of the Masters Course in Publishing, this report's aim is to be a reflection of the work I undertook as an intern at Cotovia, one of the most well-known Portuguese independent publishers, over the course of three months.

Through the description and detailed analysis of the several tasks I performed, the goal is to establish a connection between a book's editing process and the way the publishing and book market works.

Some considerations about what defines Cotovia and the way it works will also be made.

Leveraging a practical approach, sustained by some theoretical considerations, the main difficulties found along the way will be indicated, as well as how they were solved.

Finally, there will also be a brief reflection on a specific case that due to its characteristics can be compared to Cotovia's history.

KEYWORDS: publishing, internship

ÍNDICE

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	iv
Abstract	v
1. Introdução	1
2. Caracterização da editora.....	3
2. 1. Traços gerais	3
2. 2. A política editorial e o catálogo.....	4
2. 3. A organização da editora e o processo de edição	7
2. 4. Uma nova Cotovia	10
3. Tarefas atribuídas	11
3. 1. Descrição	11
3. 2. Abordagem prática e teórica.....	12
3.2.1. Revisão de texto	12
3.2.2. Produção de conteúdos de comunicação	15
3.2.3. Análise de livrarias	17
4. Outras tarefas	21
5. Um paralelo com a experiência de André Schiffrin	22
Conclusão	24
Fontes citadas e consultadas	26

Anexos	27
Anexo 1: Excertos exemplificativos da primeira revisão (linguística).....	27
Anexo 2: Excertos exemplificativos da segunda revisão (tipográfica).....	29
Anexo 3: Exemplos de material produzido para os 30 anos da Cotovia ..	31
Anexo 4: Exemplos de material para divulgação em redes sociais	34
Anexo 5: Exemplos de biografias, sinopses e notas de imprensa	35

1. Introdução

O estágio sobre o qual o presente relatório incide decorreu entre Outubro e Dezembro de 2017. Neste período, tive a possibilidade de colaborar com a Cotovia, reconhecida editora, onde desempenhei um vasto leque de tarefas – desde as mais complexas e trabalhosas, como revisão de texto, às mais práticas, mas igualmente importantes, como reposição de *stock* na livraria – que me permitiram não só aplicar os conhecimentos que adquiri ao longo da componente lectiva do Mestrado em Edição de Texto, como também ampliar a minha visão e aprender ainda mais sobre o mercado editorial e livreiro.

Foi precisamente por poder ter uma aprendizagem constante e uma noção mais prática de todo o processo de edição que escolhi a modalidade de estágio com relatório para realizar a componente não lectiva deste Mestrado, conseguindo deste modo obter um equilíbrio com todo o conhecimento teórico que já tinha.

Escolhi, para local de estágio, a Cotovia por tudo aquilo que esta casa representa: é uma editora independente, com 30 anos de história e que se destaca pela qualidade do seu catálogo, pelos valores que defende e por aquilo que simboliza num panorama nacional de edição.

É esta também a razão do título *Editar como um acto de resistência*. Estas palavras, retiradas da citação colocada no início deste relatório, reflectem os valores desta editora. Ou seja, dar primazia à qualidade daquilo que se publica relegando o lucro para segundo lugar e possuir um catálogo constituído por géneros minoritários, como a Poesia ou o Teatro é um acto de resistência num mercado que, hoje em dia, se rege maioritariamente pelo lucro. Por outras palavras, o que aqui se vê é uma editora que continua a publicar com qualidade, mesmo sabendo que muitas vezes edita livros que acabam por não se pagar a eles próprios.

Uma vez que desde muito nova me interesse por literatura, ter oportunidade de colaborar com uma editora que entende os livros como objectos com valor simbólico e cultural e que, sobretudo, valoriza o seu conteúdo, fez com que todo este período tenha também contribuído para o meu desenvolvimento pessoal, acentuando ainda mais o meu gosto e interesse pela área.

Tendo em conta estas breves considerações, proponho uma apresentação deste relatório em três partes. Numa primeira, será feita uma breve caracterização da editora: como se constitui, como funciona, qual a sua política editorial e quais as características do catálogo. Numa segunda (que junta dois capítulos), falarei sobre as tarefas desenvolvidas de uma perspectiva prática, procurando explicitar as principais dificuldades e metodologias utilizadas, ao mesmo tempo que são apresentados traços gerais da edição. Para finalizar, tenciono abordar um caso específico sobre edição independente e estabelecer um paralelo com a posição da Cotovia no mercado editorial português.

2. Caracterização da editora

É em 1988, pelas mãos de André Fernandes Jorge e do seu irmão, João Miguel Fernandes Jorge (que mais tarde viria a abandonar o negócio), que nasce a Cotovia. Dirigida desde 2017 por Fernanda Mira Barros, após a morte de André Jorge em 2016, esta casa permanece como um dos símbolos da edição independente em Portugal e continua, apesar de tudo, a marcar a diferença e a destacar-se como uma editora que resiste todos os dias num mercado que é maioritariamente o oposto daquilo que a Cotovia significa.

2.1. Traços gerais

Esta editora nasce da vontade de fazer livros, mas não uns quaisquer. Na fase inicial, o editor interessava-se especialmente pela Poesia¹, que continua a ser um dos quatro pilares da Cotovia em conjunto com o Teatro, o Ensaio e a Ficção. Desde cedo, é então visível a propensão para a publicação de géneros minoritários, aqueles que, nos dias de hoje, estão destinados a uma prateleira escondida em grande parte das livrarias.

E onde se insere a Cotovia no mercado editorial português? Em termos gerais, observamos neste um grande contraste. De um lado existem os grandes grupos como a Leya ou a Porto Editora, que de certa forma simbolizam uma edição mais comercial, destinada a um público alargado e que se regem sobretudo pelo lucro. No outro está o sector da edição independente, que apesar de estar cada vez mais enfraquecido continua a subsistir. Assim sendo, a Cotovia insere-se neste último, daí que aquilo que a define seja tão singular e raro nos dias de hoje.

Uma dessas raridades é a sua localização numa zona histórica, mais precisamente na Rua Nova da Trindade, no Chiado. A outra é o facto de a editora dispor de uma livraria própria, sendo isto bastante relevante pelos motivos que apresentarei de seguida.

¹ Lucas Coelho, A. (29 Out. 2008). Sou feito do avesso. *Público*.

Em primeiro lugar, o leitor da Cotovia é alguém que sabe aquilo que procura e, por isso, tem a oportunidade de dispor de um espaço onde apenas encontra exactamente o tipo de literatura que quer. A livraria, com a editora a funcionar nos três pisos acima, proporciona uma proximidade entre leitor e editor que raramente encontramos nos dias de hoje. Ali não há margem para dúvidas: tanto um como outro procuram o mesmo tipo de livros.

Depois, não é raro os títulos publicados gerarem lucro insuficiente para se pagarem a si mesmos. Assim sendo, existe a necessidade de haver um espaço próprio onde se possam vender as obras com menos restrições do que aquelas que seriam impostas, por exemplo, numa grande livraria. Ter uma livraria própria é uma mais-valia neste contexto, porque podem ser feitos outro tipo de descontos (em comparação com aqueles feitos pelas grandes livrarias), todas as obras da editora estão reunidas num espaço, têm a hipótese de vender obras descatalogadas a preço de saldo e as novidades são expostas assim que estão prontas, factores que também atraem o leitor.

Deixando o espaço físico, afigura-se necessário salientar a presença da Cotovia na Internet, pois é da livraria *online* que provém grande parte das receitas da editora.

Em suma, é muito importante que estes dois espaços, físico e *online*, coexistam, pois para uma grande cadeia de livrarias o tempo de vida de um livro é muito curto, já para não falar das dificuldades que uma editora como a Cotovia tem em vender as suas obras nestes espaços, assunto que também será aprofundado mais adiante.

2.2. A política editorial e o catálogo

Mais do que explicitar os valores que a Cotovia defende e o tipo de catálogo que possui, pretende-se aqui demonstrar aquilo que está no cerne da acção desta editora e que ao longo de 30 anos tem vindo a servir como símbolo desta.

A sua grande marca é, de facto, o catálogo constituído por uma esmagadora maioria de autores de Língua Portuguesa, mas onde também se encontram variadíssimas traduções. Como já foi mencionado anteriormente, divide-se em quatro géneros: Poesia, Teatro, Ensaio, Ficção.

E aqui surge outra das grandes diferenças deste catálogo: a ideia da existência de colecções é muito forte desde o princípio e a contribuir para isso está o *design*, sempre sóbrio e com um cuidado que raramente se vê noutros editores, em que tudo desde as cores, tipos de capa, papel, paginação, é pensado com o maior cuidado.

A Poesia é indubitavelmente o símbolo maior da Cotovia, cujas edições mais antigas se caracterizam pelas capas de papel vegetal. Neste campo são publicados autores como: Paul Celan, Ian Hamilton, Ruy Duarte de Carvalho, Bénédicte Houart ou Carlito Azevedo.

No Teatro, os livros de capas cor-de-rosa da autoria de Shakespeare, Luigi Pirandello ou T.S. Eliot, e as colecções de três incontornáveis nomes dessa arte (Bertolt Brecht, Carlo Goldoni e Henrik Ibsen), contando ainda com nomes portugueses como José Maria Vieira Mendes, Jorge Silva Melo ou Vicente Sanches, conferem à Cotovia reconhecimento por ter um dos mais importantes catálogos nesta área e por ser uma das poucas que ainda publica este género em Portugal.

No Ensaio, as obras apresentadas abrangem uma enorme variedade de assuntos. Três exemplos centrais são *Considerações sobre a desgraça árabe* (Samir Kassir), *A angústia da influência* (Harlod Bloom) e *Orientalismo* (Edward Said).

Quanto à Ficção, é composta por autores de renome tais como: Ruy Duarte de Carvalho, A. M. Pires Cabral, Gustave Flaubert, Jerome K. Jerome, Christa Wolf, Emmanuel Bove. Muitas vezes, encontram-se também obras desconhecidas ou pouco valorizadas (Camilo Castelo Branco, *Romance dum homem rico*). Existem igualmente autores nunca antes publicados em Portugal, alguns já descatalogados, como é o caso de Natalia Ginzburg e Carlo Coccioli; vendidos na livraria a preço de saldo, que em nada traduz o seu valor cultural.

Contudo, o conjunto de títulos da Cotovia é muito mais do que estes quatro géneros: também há um serviço público feito na área dos Clássicos, com uma colecção dedicada principalmente aos greco-latinos (*O burro de Ouro*, de Apuleio; *Arte de Amar*, de Ovídio; *Satyricon*, de Petrónio), obras que se assumem como pilares fundamentais da literatura e que resultam de traduções de qualidade extraordinária feitas por estudiosos da língua original da obra e dos seus autores. Há ainda uma forte presença

de Literatura Brasileira com duas colecções (Curso Breve e Sabiá) destinadas a dar a conhecer autores como Machado de Assis, João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos ou Estevão Azevedo, Tatiana Salem Levy e Bernardo Carvalho.

Contribuindo para a diversidade com qualidade deste catálogo existem ainda: uma colecção judaica, cujos títulos abordam as mais variadas questões sobre os judeus e a sua religião, composta por autores como Primo Levi, Moacyr Scliar e Bernardo Sorj; outra dedicada ao tema da velhice, intitulada Outono-Inverno (Michel Schneider, May Sarton); e ainda uma colecção de Arte, da qual fazem parte assuntos como a fotografia (Félix Nadar) ou a intensidade da demanda artística (Mark Rothko).

Finalmente, há ainda que referir a existência de parcerias com editoras como a Relógio D' Água e a Assírio & Alvim através da colecção BI, que da parte da Cotovia conta com autores como Castro Soromenho, Teresa Veiga, Rudyard Kipling ou Victor Hugo. Merece também destaque a ligação com os Artistas Unidos, uma vez que a Cotovia comercializa a sua colecção de obras que conta com nomes tão importantes como Jon Fosse, Pasolini, Edward Albee ou Arthur Miller, e que pelo seu valor cultural completa o catálogo da Cotovia na área do Teatro.

Embora as colecções sejam muito distintas entre si, não se pode deixar de estabelecer entre elas uma relação, por mais subtil que seja, pois de certa forma muitas das obras quebram as convenções da época em que surgem, quer seja pelos temas que abordam ou pelo modo inovador como são escritas. Para além disso, todo o catálogo, devido aos títulos que o compõem, traça uma linha cronológica de influências desde a Antiguidade até ao século XX.

Através destas reflexões é então perceptível o lugar de relevo que os géneros minoritários ocupam nesta editora, o que estabelece o contraste já mencionado entre os grandes grupos editoriais e a Cotovia, enquanto editora independente. Aliás, o que esta publica é tão singular que quase não tem lugar nas grandes livrarias. Contudo, este último é um facto que acaba por perder importância quando se percebe que o grande objectivo da editora é utilizar a tradição em termos culturais e não de comércio.

Os valores que definiram este projecto editorial inicialmente ainda perduram. Como todos os outros é, naturalmente, marcado por uma ambição financeira, mas o que o distingue é a indubitável prevalência da ambição social sobre qualquer outra coisa. Em suma, num mercado cada vez menos diversificado – onde se privilegia uma literatura rápida, que não espoleta o pensamento –, a Cotovia pretende dar a conhecer obras com um valor cultural incalculável, que entretêm o leitor, mas ao mesmo tempo têm a capacidade de fazer pensar, de informar, dar a conhecer. O seu grande objectivo é apresentar ao público a “boa literatura”, por muito subjectivo que o termo seja; proporcionar a existência de livros que realmente desafiam fronteiras, quebram convenções e não se encerram sobre si mesmos.

2.3. A organização da editora e o processo de edição

A Cotovia é, em termos de organização de colaboradores, uma pequena editora. Não há uma divisão por departamentos, mas sim uma distribuição de todo o trabalho por cinco pessoas. A existência de uma grande comunicação entre todos é uma vantagem fulcral, porque assim os problemas são resolvidos mais facilmente e as tarefas levadas a cabo de forma mais eficaz. Além disso, há menos erros, mais espaço para sugestões e uma calma generalizada que permite trabalhar com tempo e, por isso, com mais sucesso. Note-se que, embora cada pessoa seja responsável por assuntos específicos, há sempre necessidade de desempenharem outras tarefas, pois numa equipa pequena falta sempre fazer algo e como todos estão a par de todos os processos, conseguem facilmente efectuar outros trabalhos que não os seus.

A divisão processa-se, então, do seguinte modo:

A editora é sempre responsável por verificar se todos os trabalhos são feitos correctamente. Deste modo, para além de ser exclusivamente responsável por todas as decisões editoriais (análise de originais, decisão do que publicar, estabelecimento de contratos e negociação de direitos com os autores, e planos de edição), cabe-lhe também fazer edição e revisão de texto e aprovar os conteúdos produzidos para comunicação, antes de estes serem publicados. Fica, portanto, a ideia de que ninguém trabalha de forma independente, havendo uma comunicação constante entre todos.

As duas pessoas encarregues da produção tratam apenas de fazer revisão de textos e de contactar com a gráfica a fim de fazerem pedidos de orçamento, saber em que estado está a paginação ou impressão do livro, entre outras coisas. São também responsáveis por preencher as fichas técnicas das livrarias onde vendem e pela produção de *newsletters*.

A responsável pela contabilidade lida com a facturação, quer das pessoas que comprem na livraria, quer das livrarias que fazem encomendas à editora. Está ainda incumbida de fazer apuramentos das vendas e de efectuar diversos pagamentos.

A pessoa encarregue da distribuição tem como função preparar as encomendas dos clientes que comprem *online*, receber os livros que chegam da gráfica ao armazém ou devolvidos das livrarias, repor o *stock* da livraria quando necessário e fazer a distribuição por algumas das livrarias com as quais a Cotovia trabalha. Este é o único elemento da equipa que não trabalha na editora, mas sim no armazém.

Finalmente, a responsável pela comunicação tem como responsabilidade promover a editora nas redes sociais e junto dos jornalistas, tratando entre muitas outras coisas dos *press releases*. Trabalha ainda com as livrarias a fim de saber se querem adquirir as novidades publicadas pela editora e, quando necessário, juntamente com a editora, trabalha na preparação dos lançamentos dos livros.

À parte disto, tem também de haver quem se encarregue dos espaços de venda físico e *online*. O site é normalmente gerido pela contabilista/administrativa, encarregue de mudar os preços quando são feitas campanhas promocionais, de disponibilizar as novidades para venda e de verificar as encomendas que são feitas, sendo que estas tarefas também são desenvolvidas por uma das responsáveis da produção. Estas pessoas, normalmente, são também as que ocupam o lugar na livraria.

Partindo do pressuposto que o processo de edição se divide em três fases compostas por várias tarefas (pré-produção – pesquisa de autores, negociação de direitos, plano de edição; produção – tratamento e fixação do texto e impressão; pós-produção – distribuição e comunicação)², na Cotovia o fluxo é o que se segue.

² Conceito adquirido durante a componente lectiva do Mestrado, nas aulas de Teoria da Edição.

A editora pesquisa ou solicita às colaboradoras da produção que pesquisem autores. Esta pesquisa pode ser feita através da página da editora original ou através de agentes, caso se trate de um autor estrangeiro, e no caso de autores portugueses através de contactos directos. Também é comum haver uma análise de originais que normalmente são recebidos por e-mail e aos quais são dedicados 1 a 2 dias por mês para avaliação, sempre feita pela editora.

Após a decisão de publicação e negociação de direitos (que muitas vezes não acontece, uma vez que, maioritariamente, são publicadas obras que já estão em domínio público), passa-se ao plano de edição, que como já foi referido também é responsabilidade da editora. É aqui que se decide a tiragem (que na Cotovia normalmente está entre 500 e 1000 exemplares), o formato do livro, a colecção a que vai pertencer, o preço e a data de publicação. Quando se trata de publicar uma obra estrangeira é também a editora que decide quem a vai traduzir, sendo que para as línguas mais difíceis e menos traduzidas (francês, alemão, sueco) existem apoios à tradução.

O passo seguinte é o tratamento do texto, um dos mais valorizados pela editora. Valoriza-se a edição propriamente dita do texto e, por isso, muitas vezes estabelece-se uma relação entre autor e editor, tão rara nos dias de hoje. Além disso, a revisão de texto é uma tarefa muito séria, efectuada várias vezes e quando necessário por mais do que uma pessoa, para garantir que ao leitor chega um texto o mais limpo possível.

Na fase final, em que o livro já está impresso procede-se à sua distribuição e divulgação. Uma vez que a Cotovia publica muitos autores já falecidos não é habitual fazerem-se sessões de apresentação dos livros. Ao invés disso, aposta-se numa divulgação *online* da obra e no envio de *press releases* aos jornalistas, e *newletters* aos subscritores do site. Num período mais recente, e com a publicação de autores contemporâneos já vão sendo dadas algumas entrevistas, quando há essa possibilidade.

2.4. Uma nova Cotovia

Actualmente, sob a direcção de Fernanda Mira Barros, ao mesmo tempo que assume o objectivo de preservar o legado deixado por André Jorge, a Cotovia atravessa um período de renovação com a introdução de duas mudanças fundamentais, que assumiram uma grande importância na minha experiência como estagiária.

A primeira é uma maior aposta na comunicação, com mais entrevistas a serem dadas, mais artigos publicados e uma presença mais forte nas redes sociais, especialmente no Facebook.

A segunda é a criação, em finais de 2017, da chancela Libelinha, que não tem nada que ver com a Cotovia e cujo objectivo é publicar títulos mais comerciais que cheguem a um público mais alargado, esperando também que estes leitores possam mais tarde interessar-se por conhecer títulos da Cotovia.

3. Tarefas atribuídas

Nos subcaptítulos que se seguem o objectivo é, num primeiro momento, descrever sucintamente as tarefas realizadas; e num segundo, fazer uma abordagem mais prática, falando sobre como são levadas a cabo, que dificuldades surgem na sua realização e como se resolvem esses problemas. Pretende-se ainda fazer uma ligação com vários aspectos teóricos relacionados com edição de texto.

3.1. Descrição

Devido à já mencionada necessidade de todos os membros da equipa terem de desempenhar uma grande diversidade de tarefas, durante o período em que estive na editora o meu trabalho não se resumiu a apenas uma das fases de produção. Pelo contrário, apesar de não ter acompanhado um livro do princípio até ao fim, tive a oportunidade de participar em trabalhos relacionados com as fases de produção e pós-produção.

Deste modo, é possível fazer uma divisão do trabalho que desenvolvi em duas categorias principais: de um lado a revisão de texto, de outro a comunicação.

Outra tarefa que também assume alguma relevância, embora tenha sido desenvolvida de maneira mais secundária, é a análise de livrarias, feita na fase final do estágio.

Realizei também outros trabalhos muito pontuais e, de certa forma, mais ligados a todas as burocracias de uma editora, nomeadamente:

- Contacto com livreiros: agendamento de recolhas de livros devolvidos pelas livrarias com quem a editora trabalha;
- Preparação de promoções: alteração dos preços no site, quando existiam campanhas de desconto;
- Reposição de stock: reposição de livros trazidos do armazém;
- Registo de marcas e logótipos no âmbito da criação da chancela Libelinha;

- Leitura de livro a ser lançado para fazer um levantamento de passagens para divulgar nas redes sociais.

3.2. Abordagem prática e teórica

Com este tipo de abordagem é possível fazer uma conexão com alguns tópicos relacionados com a edição no geral e com o estado em que se encontra o mercado livreiro actualmente.

Nos três pontos que se seguem, com a descrição de uma perspectiva crítica das tarefas que desenvolvi, pretendo demonstrar vários aspectos inerentes ao funcionamento de uma editora com as características da Cotovia, salientando-se desde logo a necessidade de ser dotada de competências e conhecimentos específicos, muitos deles adquiridos ao longo da realização destes trabalhos, como se poderá perceber pelas considerações que se seguem.

3.2.1. Revisão de texto

Durante o estágio, tive oportunidade de participar em dois processos de revisão bastante diferentes entre si. Os dois permitiram-me entender que embora haja desafios em comum em todo o processo, também existem muitas diferenças.

O primeiro foi no âmbito da criação da chancela Libelinha. Esta revisão foi feita quando o manuscrito ainda não tinha sido alvo de qualquer edição, pois serviu para que a editora pudesse analisar quais eram as minhas capacidades enquanto revisora.

Este é um texto que nasce na Internet: o seu autor começa por publicar numa rede social, semanalmente, uma espécie de crónica de alguns acontecimentos importantes. Dada a sua natureza, é um trabalho que tem muitas gralhas (falta de hífen, acentos, vírgulas...) e, portanto, o objectivo era que eu fizesse uma revisão linguística, ou seja, que ignorasse todos os aspectos relativos à paginação e atentasse sobre todos os aspectos linguísticos e gramaticais de modo a corrigi-los e uniformizá-los.

Como se poderá ver nos anexos exemplificativos, é possível salientar algumas ocorrências mais frequentes e, conseqüentemente, as diferentes soluções encontradas

para as resolver. Assim sendo, podemos apontar para: a uniformização de expressões, que, inicialmente, surgiam escritas de maneiras diferentes; correcção de palavras em que faltavam hífen, acentos ou letras; e, o mais recorrente, uniformização das expressões que devem surgir entre vírgulas.

Numa segunda fase, já com o texto a ser trabalhado também pela editora, foi-me incumbida a tarefa de verificar todos os estrangeirismos utilizados, quer fossem expressões ou nomes de personalidades, redes sociais, ou empresas, que, caso estivessem bem escritas, seriam sempre marcadas com o símbolo de “certo”, para que a editora pudesse ver que as tinha verificado.

Este texto estava escrito numa linguagem simples, com frases curtas e tratava de assuntos actuais. Deste modo, há também aqui uma componente menos relacionada com revisão e mais ligada a conhecimentos gerais, uma vez que, devido à sua actualidade, se torna implícita a necessidade de eu ter conhecimento dos assuntos em causa, de modo a poder corrigir algum facto que não estivesse correcto. Isto implicou pesquisas constantes sobre os assuntos em questão. Aquando da verificação dos nomes de personalidades, que abundavam no texto, foram também feitas pesquisas em vários sites de modo a confirmar a grafia correcta e quanto às expressões, por vezes consultavam-se dicionários *online* em inglês.

O segundo texto em que trabalhei contrastava fortemente com o primeiro. Tratava-se de uma tradução do alemão feita por vários tradutores. O texto já estava estabelecido e encontrava-se em fase de provas, já tendo sido revisto quer pelos tradutores, quer pela colaboradora responsável pelos trabalhos de revisão.

Assim sendo, esta, ao contrário da primeira, foi uma revisão sobretudo tipográfica, embora também tenha havido cuidado em verificar a obra em termos linguísticos. Este é um livro de Teatro (o que só por si já demonstra a diferença que existe entre os dois tipos de texto), que pertence a uma colecção, pelo que há uma necessidade de obedecer às regras de paginação que já estavam presentes nos volumes anteriores. Neste âmbito, foram então verificados aspectos como: espaçamento entre linhas e alinhamento, cabeçalhos e rodapés, número de páginas, primeiras páginas, utilização de maiúsculas, minúsculas e versaletes, indicações cénicas em itálico. Mais uma vez, remetendo para os anexos exemplificativos, é possível perceber que as ocorrências mais frequentes

estavam relacionadas com a uniformização de maiúsculas e minúsculas e com os espaçamentos e alinhamento do texto.

A nível mais linguístico, a maior dificuldade que se punha era haver palavras que suscitavam dúvidas, mas que eu não podia verificar, visto que se tratava de uma tradução. Nestes casos, remetia-se o tradutor para o original do texto, a fim de verificar se determinada palavra era escrita de certa forma.

Sendo a Cotovia uma editora onde se privilegia uma edição “artesanal”, isto é, onde o trabalho sobre o texto ainda assume uma maior relevância do que, por exemplo, as acções de pós-produção, a revisão de texto é um dos passos mais valorizados e importantes de todo o processo de edição. Ter e fazer com calma é máxima pela qual todos se regem. Um texto é revisto várias vezes e, mais importante do que isso, por várias pessoas.

Tendo estes aspectos em conta, a edição de um texto pode, portanto, ser um processo demorado composto por várias fases.

Numa primeira, caso se trate de textos em português que nunca foram publicados, como é o caso do primeiro texto que revi, a editora estabelece o texto, trabalhando em conjunto com o autor. Normalmente, há uma troca de ideias constante. A editora, para além de fazer sugestões, tenta perceber qual a vontade do autor e procura sempre respeitar o seu trabalho ao máximo. Quando se trata de uma tradução, não havendo edição a fazer, normalmente pede-se ao tradutor que faça um prefácio para a obra, situação que é bastante recorrente nas colecções de teatro, como a do segundo texto que revi.

Depois deste trabalho inicial, que leva algum tempo, o texto é enviado para a gráfica onde é feita a paginação, que é devolvida à editora para que esta a aprove. Por norma, já nesta fase é feita uma revisão do texto.

Assim que é aprovado, chegam as provas em papel. No caso da Cotovia uma prova é suficiente e são raros os casos em que tem de se pedir uma segunda. É nesta fase que se faz uma revisão mais elaborada e que em alturas de menos trabalho é feita tanto pela colaboradora encarregue da fase de produção, como pela editora.

Depois deste trabalho, o paginador insere as alterações e procede-se à impressão das ozalides, que mais uma vez são revistas.

Por fim, o livro é impresso e está pronto a ser distribuído.

Um processo de revisão exige muita concentração, e o facto de o texto ser revisto por várias pessoas permite que o resultado final seja um livro praticamente sem gralhas. Praticamente, porque é quase impossível não faltar uma vírgula, ou estar presente um número a mais numa nota de rodapé, por exemplo. Ainda assim, quando comparada com outras editoras, é possível perceber a qualidade da edição e da revisão da Cotovia, visto que existem casos recentes de livros em que, por exemplo, se encontram excertos que ficaram por traduzir.

3.2.2. Produção de conteúdos de comunicação

Aquando da mudança de gerência da editora, a comunicação foi um dos aspectos que mais alterações sofreu.

Sob a direcção de André Jorge, os livros eram maioritariamente publicitados em jornais e revistas, e as entrevistas dadas eram escassas, sendo que, quando as havia, eram quase sempre sobre os autores.

Contudo, nesta nova fase a comunicação assume um papel central, materializando-se em artigos de jornal e participações em programas de rádio ou televisão para dar a conhecer a editora e os seus projectos futuros, bem como os seus mais recentes trabalhos. Há também um maior acompanhamento das tendências mais actuais e, por isso, uma maior aposta nas redes sociais, mais precisamente no Facebook e Instagram.

Nestas o objectivo é divulgar várias coisas: promoções de livros, obras descatalogadas, autores e obras através de pequenas citações retiradas dos livros, feiras do livro, entre outras. Para tal, além de haver uma página própria da editora, que não tem qualquer tipo de custo associado, é recorrente a utilização de ferramentas como a publicidade paga, que possibilitam atingir um público ainda mais vasto. É também nestes espaços e através dos métodos apresentados que a Cotovia se consegue colocar

ao nível de uma grande editora e, mais importante, atrair não só aquele leitor específico da Cotovia, mas também uma maior audiência.

Neste âmbito, fui encarregue de: produção de biografias e sinopses, produção de material para divulgar os 30 anos da Cotovia e produção de material para divulgar obras e autores.

Estas três tarefas implicam desde logo conhecer a política editorial da editora e também conhecer aquilo que a caracteriza a um nível mais artístico (que símbolos, cores, tipos de letra).

A produção de material para divulgar os 30 anos da Cotovia, e obras e autores nas redes sociais é um trabalho que se baseia em competências muito específicas, como a necessidade de haver um conhecimento aprofundado do catálogo, de modo a saber que autores seleccionar para destacar, bem como que citações podem caracterizar melhor o seu trabalho. Esta foi uma tarefa que requereu muita leitura, uma vez que tive de ler vários livros de diferentes autores, para que pudesse perceber o significado e estilo da sua escrita.

Embora a produção de biografias e sinopses também se prenda com os conhecimentos acima mencionados, acabou por ser mais um trabalho de pesquisa e levantamento de opiniões. Nomeadamente, recorri a um arquivo de recortes de jornais e revistas nos quais, através da análise de várias entrevistas, tive de seleccionar algumas frases que melhor descreviam os autores e os seus trabalhos.

Por outro lado, também a parte estética assume uma grande relevância, visto ser exigida uma simplicidade que nem sempre é fácil de atingir, pelo que várias vezes foram feitas diversas versões dos mesmos textos.

Todo este trabalho tem que ver com com uma questão fundamental: de que maneira a tecnologia influencia a edição? No caso da Cotovia não foi através da publicação de *e-books*, pois este tipo de livros em nada correspondem aos padrões da editora. Contudo, a criação de uma chancela como a Libelinha, com os princípios a ela inerentes, potencia uma ligação inevitável à tecnologia.

Como exemplo, existem os dois livros já publicados por esta chancela, que começaram na Internet. Ou seja, ao serem histórias que, em primeiro lugar, foram

publicadas como pequenos textos individuais numa rede social, já tinham algum tempo de vida e um público muito alargado, mas, posteriormente, com a sua publicação em livro acabaram por chegar a ainda mais pessoas. Uma grande vantagem desta dinâmica é a de que um editor pode prever (embora a publicação de um livro seja sempre um acto incerto) se um livro vai ter sucesso ou não, tendo em conta o número de pessoas que acompanham estes trabalhos desde o seu aparecimento *online* e também a forma como reagem aos mesmos.

Outro caso muito particular da Cotovia é o facto de ter um blog que, embora tenha periodicidade irregular, divulga trabalhos não só de autores conhecidos, como de autores menos conhecidos.

Tudo isto traduz-se também num incentivo às vendas *online*, daí a importância de produção de conteúdos para o Facebook: a quanto mais pessoas chegarem, mais a editora tem oportunidade de atingir um público maior e de, consequentemente, se expandir.

3.2.3 Análise de livrarias

Tendo em conta o contexto editorial em que a Cotovia se insere, esta foi uma tarefa que assumiu extrema importância, acima de tudo porque me permitiu perceber que tipo de relação estabelecem algumas editoras independentes com as livrarias.

Aqui, mencionar-se-ão apenas a Fnac e a Bertrand, duas das maiores cadeias livrescas em Portugal. O objectivo deste estudo foi tentar entender como é que estas livrarias (neste caso ambas localizadas no Chiado) se dispõem, a que livros é dada maior visibilidade, que géneros são “renegados” e quais os mais valorizados. Estas avaliações culminaram na redacção de breves relatórios que eram depois transmitidos à editora e sobre os quais aqui falo, apresentado sucintamente os resultados dos mesmos.

Estas considerações têm como base uma questão fundamental que se prende com o modo como as livrarias têm a capacidade de influenciar as leituras do público.

Antes de apresentar os resultados desta pesquisa, é ainda necessário mencionar dois factores muito importantes neste contexto. Um é o desaparecimento crescente de

livrarias independentes³, onde, à partida, os géneros minoritários como aqueles que a Cotovia publica teriam maior destaque e visibilidade. O outro é a necessidade de as editoras pagarem uma certa percentagem às livrarias, ou permitirem que sejam feitos maiores descontos, a fim de lhes ser dado maior destaque, sendo que uma grande parte dos lucros das vendas dos livros fica para as livrarias, tirando a editora receitas insuficientes de todo este negócio.

Ora, estes são factos muito difíceis de uma editora independente combater, porque para além de muitas vezes editar livros que não se pagam a eles próprios, não têm margem para poder pagar quantias exorbitantes para ter destaque em grandes livrarias.

Esta análise foi feita durante quatro semanas, entre Novembro e Dezembro. Foram tidas em conta editoras como a Relógio D' Água, a Cavalo de Ferro ou a Antígona por estarem ao nível da Cotovia, uma vez que são editoras que se dedicam a publicar um certo tipo de *high literature*. Por outro lado, foram também tidas em conta grandes editoras, o que permitiu estabelecer um contraste entre as duas partes.

Embora esta pesquisa tenha sido feita com alguma profundidade, o objectivo era perceber que editoras e que género de livros tinham uma posição mais privilegiada e que chamava mais facilmente à atenção do leitor. De salientar ainda que todo o estudo se baseia apenas nos livros que estão em destaque.

O que se verificou, quer na Fnac, quer na Bertrand foi a existência de um claro domínio da Ficção e da literatura traduzida, dentro da qual é dado um enorme destaque a autores clássicos e/ou premiados (Carson McCullers, George Orwell, Aldous Huxley, John Steinbeck, Kazuo Ishiguro, Philip Roth).

Em termos específicos, na Fnac, a literatura lusófona fica relegada para segundo lugar, ocupando menos espaço do que a traduzida (que se encontra arrumada e dividida por géneros). Dentro desta, encontra-se um pequeno destaque para a literatura brasileira (Machado de Assis, Nelson Rodrigues) e para os Clássicos como Eça de

³ Durante o processo de escrita deste relatório, foram lançadas várias notícias que anunciavam o encerramento de duas das mais relevantes livrarias independentes de Lisboa (Aillaud & Lellos e Pó dos livros).

Queirós, Saramago, Fernando Pessoa ou Almada Negreiros. De resto, aposta-se no destaque de autores contemporâneos tais como: José Luís Peixoto, Afonso Cruz ou Rodrigo Guedes de Carvalho. Como géneros minoritários surgem a Poesia e o Teatro, que confinados a um pequeno espaço e com pouca oferta, acabam por desaparecer no meio de todos os outros livros. Algumas das editoras que mais visibilidade têm são a Relógio D'Água, Quetzal, Alfaguara, Antígona e Assírio & Alvim.

No caso da Bertrand, o facto de a divisão ser feita por salas permite perceber ainda melhor que tipo de livros são mais importantes. Assim sendo, privilegiam-se áreas como a História, mas também a Gastronomia/Culinária e a Auto-ajuda, com espaços enormes dedicados a estes géneros. Em menor quantidade, mas com um pouco mais de destaque do que na Fnac surgem a Poesia, a Arte e o Teatro. Quanto aos livros e autores de Ficção e literatura traduzida aos quais é conferida maior visibilidade, não existe diferença praticamente nenhuma em comparação com a Fnac.

Apesar de existir também uma secção de literatura lusófona, há uma dispersão de autores de Língua Portuguesa em destaque por toda a livraria. Neste sentido, pode apontar-se para o facto de os autores também serem praticamente os mesmos que foram mencionados no caso da Fnac.

Nesta livraria, um olhar rápido revela que o mais comum é a presença de grandes editoras como a Presença, D. Quixote, Bertrand, Alfaguara, entre outras.

E qual o lugar da Cotovia? Em ambos os casos o resultado não é positivo. Isto porque, embora visíveis, são poucos os títulos da editora que estão presentes e, apesar de não terem mudado de lugar ao longo das semanas, com a chegada de novidades em maior número, foram-se perdendo cada vez mais no meio de todos os outros livros. Os casos mais graves, tendo em conta que são os pontos mais fortes da editora são, na Fnac, o da Poesia, onde não se encontra nada da editora, excepto numa das semanas em que consta apenas um título e o do Teatro, onde constam apenas dois títulos. Já na Bertrand, a editora fica a ganhar em termos de Teatro, com alguns dos títulos mais importantes em exposição. Contudo, na Poesia encontram-se apenas dois títulos.

Em ambas as livrarias, o facto de a Ficção não estar concentrada numa zona específica e tão pequena como os outros dois géneros causa uma dispersão dos títulos

da Cotovia, que mesmo estando em destaque são difíceis de encontrar e têm pouca visibilidade no meio de outros grandes nomes.

Por outras palavras, a análise não é positiva porque apesar de estarem presentes alguns livros, estão mal catalogados, dispersos ou pouco visíveis à excepção de dois ou três. Contudo, foi possível perceber que a Bertrand, ao contrário da Fnac, dá muito mais importância aos livros da Cotovia, embora nem sempre estejam dentro dos mais visíveis.

Num panorama geral, conclui-se, em primeiro lugar que, ao longo das quatro semanas, existem alterações muito subtis relativamente aos títulos expostos, sendo que existe uma mudança, mas a editora e o género a que pertencem são os mesmos. Em segundo lugar, através da disposição com maior destaque de determinados tipos de géneros (*thrillers*/policiais, romances, infanto-juvenis, literatura fantástica, etc), o leitor acaba por ser conduzido a estas obras – que à partida geram mais lucro – e não a outras que, eventualmente, podiam ser de maior qualidade, mas são menos vendáveis e por isso não atraem o interesse dos livreiros. É assim perceptível a força que determinadas editoras têm, bem como a importância que o poder de compra e venda assume neste contexto, causando deste modo uma desvantagem abismal entre a Cotovia e outras editoras.

4. Outras tarefas

No decorrer do estágio, tal como já tinha mencionado anteriormente, tive ainda possibilidade de realizar outras tarefas mais práticas, relacionadas com os mais variados assuntos que uma editora tem de resolver.

Uma vez que foram muito pontuais e simples, não suscitam qualquer tipo de discussão. Assim sendo, serve este capítulo apenas para deixar registado como foram desenvolvidas, pois também fizeram parte de todo o meu caminho enquanto estagiária.

Comecemos pelo contacto com livreiros. Neste caso, fui incumbida de contactar algumas livrarias Bertrand de modo a saber se tinham livros para devolver à editora, tendo posteriormente de agendar essa recolha junto de uma distribuidora. Este é um processo bastante comum, uma vez que grande parte dos exemplares que as livrarias encomendam não são vendidos e por isso são devolvidos após um curto período de tempo.

Outra mais relacionada com a livraria da editora foi a reposição de *stock*. Este é um processo muito simples, mas que implica sempre uma reorganização e arrumação dos títulos já expostos, pelo que tem de ser feita uma contagem prévia, para saber quantos exemplares estão em falta e, antes de os arrumar, marcá-los com o preço. Para além disto, algumas das vezes tive também de fazer vendas na livraria.

Ainda em contexto de livraria, mas desta vez *online*, tive de preparar uma promoção que decorreu durante o mês de Outubro, alterando um a um os preços de todos os livros para que reflectissem um desconto de 50%.

Numa fase de pós-produção e preparação de campanha de lançamento, fiquei incumbida de ler um livro e fazer um levantamento de citações para o divulgar nas redes sociais.

Finalmente, numa perspectiva mais burocrática, fui também responsabilizada pelo registo de marca e de logótipo da nova chancela, Libelinha. Este é um processo bastante comum, realizado através do Instituto Nacional de Propriedade Industrial, que disponibiliza uma plataforma *online* onde é preciso preencher diversos formulários com toda a informação sobre a editora e depois fazer um pagamento para que o pedido de registo de marca possa ser analisado e posteriormente aceite.

5. Um paralelo com a experiência de André Schiffrin

Ao longo não só destes três meses, mas também de todo o meu percurso de Mestrado, houve um livro que me acompanhou sempre: *O Negócio dos Livros*, de André Schiffrin, que me chegou às mãos no âmbito da escrita de uma revisão crítica, para a unidade curricular de Teoria da Edição.

Nesta obra, fala-se de como a edição deixa de ser um negócio cujo principal objectivo era fazer chegar um trabalho sério a um público vasto, por sua vez informado sobre diversos assuntos relevantes, para passar a ser um negócio marcado pela venda de editoras independentes de grande qualidade a grandes grupos económicos que, regidos exclusivamente pelo lucro, contribuem para que estas sofram uma desvalorização crescente, levando a uma mudança dos hábitos de leitura. Verifica-se, segundo o autor, uma limitação crescente dos géneros que são aceites para publicação, privilegiando-se o livro de leitura fácil e rápida, mais lucrativo, em detrimento do livro inovador, complexo, mas que não vende o suficiente.

Embora a situação portuguesa não seja tão agressiva, é possível estabelecer um paralelo entre ela e a situação americana descrita por Schiffrin. A verdade é que existe uma influência cada vez maior dos grandes grupos como a Leya ou a Porto Editora, que muitas vezes publicam “apenas os livros que podem trazer lucro imediato” e que “se devem pagar a si mesmos” (Schiffrin, 2013, pp. 128,114). Ou seja, há uma maior aposta em livros que acabam por não ter valor cultural.

Este tipo de política editorial acaba também por afectar o mercado livreiro, pelo que as grandes livrarias passam a “concentrar os seus recursos nos livros mais vendáveis, negligenciando os outros títulos, o que influencia as decisões dos editores”, mantendo “um *stock* pouco variado, mas têm os bestsellers, pelo que afectam o pequeno livreiro”, contribuindo consequentemente para o “gradual desaparecimento das livrarias independentes”, que “costumavam oferecer uma alternativa aos produtos massificados”, e para o aumento das “dificuldades de escoamento sentidas pelas pequenas editoras”, sendo que “o número de livros devolvidos aumenta continuamente” (*ibidem*, pp.148-152).

Assiste-se, portanto, a um ciclo vicioso em que os grandes grupos já mencionados, com todo o seu poder de compra, conseguem ocupar maiores espaços nas grandes livrarias como a Bertrand ou a Fnac. Estas últimas, por sua vez, oferecem mais descontos e vantagens ao cliente, embora tenham pouca diversidade, como ficou claro na análise feita das livrarias.

Contudo, se por um lado uma editora como a Cotovia enfrenta constantes dificuldades (“falta de dinheiro e pessoal para competir seriamente por espaço nas cadeias livresas (...) que lideram a venda de livros na actualidade [*ibidem*, p.196]), resultantes da forte competitividade que existe, por outro é uma editora independente que continua em funções e, por isso, apresenta-se também como uma arma contra a “censura imposta pelos gostos do mercado de massas” (*ibidem*, p.173).

Assim, tal como a editora criada por Schiffrin (New Press), a Cotovia consegue, apesar de tudo, editar e “vender uma quantidade significativa de títulos relevantes e de grande valor intelectual, incluindo aqueles que, no mundo comercial, ninguém pensaria que pudessem ter um público” (*ibidem*, p.189).

Neste contexto, um aspecto curioso é verificar que muitas pessoas não fazem ideia do que é a Cotovia, mas todos conhecem, por exemplo, a Bertrand (enquanto editora), facto que só demonstra ainda mais o apagamento que casas como a Cotovia sofrem no panorama editorial nacional.

Em última instância, tudo isto prova também que, de facto, a Cotovia permanece e permanecerá como uma editora que edita resistindo a todas as dificuldades e a uma esmagadora concorrência, ao mesmo tempo que resiste também para manter a qualidade pela qual sempre foi conhecida.

Conclusão

Ter estagiado numa editora independente permitiu que adquirisse um conhecimento mais abrangente sobre o modo como este sector da edição funciona, ficando também com uma noção mais clara das dificuldades constantes que são enfrentadas.

Em primeiro lugar, ganha-se uma maior percepção da polivalência das tarefas que um colaborador de uma editora tem de desenvolver. Numa pequena equipa como a da Cotovia, há sempre necessidade de estar a par de todos os assuntos e de saber fazer de tudo um pouco, pois a qualquer momento pode ter de ser desempenhado um trabalho que nunca se pensaria ter de fazer.

Em segundo lugar, tendo em conta a natureza desta editora e a sua enorme especificidade, esta componente não lectiva torna-se indubitavelmente um enorme complemento à componente lectiva do Mestrado. Num curto espaço de tempo, foram-me dadas ferramentas práticas e adquiri conhecimentos que considero essenciais. Acima de tudo, tive oportunidade de ter contacto com um processo de edição mais tradicional, raro nos dias de hoje.

Além disto, ter ganho uma noção dos problemas de uma pequena editora fez com que ficasse a conhecer os diferentes métodos a que esta recorre para competir no mercado. Um exemplo disso são as redes sociais. Ao participar na produção de conteúdos para estes meios, pude perceber que tipo de comunicação uma editora pretende estabelecer com o seu público e o quão fundamentais, para este tipo de negócios, são as redes sociais nos dias de hoje, pois, entre outras coisas, permitem colocar uma pequena editora ao nível de uma de grandes dimensões.

Para mim, o mais vantajoso deste percurso (não só do estágio, mas de todo o Mestrado) foi ter ganho uma ideia mais precisa do estado em que o mercado editorial e livreiro se encontra e também poder ter uma maior noção daquilo que cada editora publica, de como funcionam as livrarias e aquilo que estas procuram.

É um facto que neste mercado abundam editoras que preferem apostar em livros mais comerciais, que garantam lucros imediatos, apesar de, por vezes, conseguirem publicar títulos de qualidade. Talvez seja por isso que se entrarmos numa grande livraria

o que mais veremos serão livros traduzidos (que à partida já tiveram sucesso noutros países), de géneros muito vendáveis como o policial ou *thriller*, ou romance “feminino” – livros de leitura fácil, cujo objectivo é meramente entreter o leitor, não lhe trazendo qualquer tipo de conhecimento útil. É certo que há uma desvalorização não só do livro enquanto objecto cultural, pois passa a assumir um valor apenas comercial, mas também do seu conteúdo: a falta de revisão e o pouco cuidado com a paginação são visíveis em muitos casos.

Ao contrário, as editoras como a Cotovia – embora tenham de sobreviver um dia de cada vez a crescentes dificuldades e grandes obstáculos, que são consequência de uma competitividade agressiva – não desistem de manter um catálogo de qualidade e uma política editorial baseada em valores tradicionais. É por isto que, hoje em dia, ainda se valoriza a figura do editor que estabelece uma relação com o seu autor e, efectivamente, trabalha sobre o texto que lhes chega às mãos: há uma revisão cuidada e todo o processo de produção é acompanhado de perto, para garantir que não existem falhas, sendo que se for necessário adiar o lançamento de um livro, então, é isso que se faz. A qualidade está sempre em primeiro lugar. Ainda mais, os livros continuam a ser encarados como objectos de cultura, que podem e devem transmitir conhecimentos e gerar debates em torno das mais variadíssimas ideias.

Resumindo, pude ver e aperceber-me da luta que a Cotovia, enquanto editora independente, tem vindo a enfrentar para vender os seus livros em grandes livrarias e para poder publicar livros que sejam relevantes. Editar nestas condições é de facto um acto de resistência. Mas, acima de tudo, é um acto que deve ser louvado todos os dias, pois cada vez mais se perdem editoras com as características da Cotovia, e só assim é possível perceber a importância de existirem casas como estas que trazem ao público alternativas à falta de diversidade que se encontra no mercado.

Fontes citadas e consultadas

Faria Moreira, C. (9 Fev. 2018). É mais uma que fecha na Baixa: Livraria Aillaud & Lellos desmancha a casa. *Público*.

Retirado de: <https://www.publico.pt/2018/01/09/local/noticia/na-livraria-aillaud--lellos-desmanchase-a-casa--1798734> (Consultado pela última vez em 13 de Março de 2018).

Livros Cotovia <<http://www.livroscotovia.pt/>> (Consultado pela última vez em 13 de Março de 2018).

Livros Cotovia no *Facebook* <<https://www.facebook.com/livroscotovia/>> (Consultado pela última vez em 13 de Março de 2018).

Lucas Coelho, A. (29 Out. 2008). Sou feito do avesso. *Público*. Retirado de: <https://www.publico.pt/2008/10/29/jornal/sou-feito-do-avesso-281765> (Consultado pela última vez em 13 de Março de 2018).

n.a. (28 Fev. 2018). Livraria Pó dos livros fecha portas no final de Março. *Público*. Retirado de: <https://www.publico.pt/2018/02/28/culturaipsilon/noticia/livraria-po-dos-livros-fecha-portas-no-final-de-marco-1804809> (Consultado pela última vez em 13 de Março de 2018)

Schiffrin, A. (2013). *O Negócio dos Livros. Como os grandes grupos económicos decidem o que lemos*. (O. Lemos e R. Lopo, Trad.). Lisboa: Letra Livre. (Versão original 1999).

Anexos

Anexo 1: Excertos exemplificativos da primeira revisão (linguística)

Moody's melhora perspectiva de rating de Portugal de estável para positivo/e 8/
Portugal está agora a apenas um nível de sair do lixo.
Com ou sem lixo, Madonna instala-se em Lisboa/e começa a ter problemas 8/
burocráticos com a alfândega e com o Herman José, que diz mal das raízes
dos cabelos dela.

Portugal considerado o país com "a melhor qualidade do mundo para
expatriados viverem"/segundo Expat Insider 2017.
Político australiano e especialistas de saúde canadianos sugerem aplicar nos
seus países modelo português de "descriminalização de drogas"/depois de ./
visitarem Portugal.

813 dos 1820 candidatos a lugares de embaixada chumbaram a /lingua 4/
portuguesa e vão trabalhar no novo aeroporto internacional de Coimbra.

Estreia série da Netflix/Narcos 3/com actor português Pêpê Rapazote. //,

Morre Holger Czukay/dos Can. ✓ ,/
Morre Pierre Bergé, companheiro de vida de Yves Saint Laurent. ✓
Ponte de Lima bate recorde do Guinness ao fazer tocar 897 concertinas ao
mesmo tempo. "Uma coisa nunca vista"/diz um popular. ,/

Furacões no Caribe avançam da letra H/de Henrique Raposo/para I, J e K de ,//
Irma, José e Katia. É como se fosse a família do Ronaldo dos furacões.

Atentado terrorista nas Ramblas/em Barcelona/acaba por fazer duas vítimas ,//
portuguesas da mesma família: avó e neta tinham acabado de chegar à cidade
em viagem de turismo.

Em Portugal muitos minutos terão sido perdidos com uma polémica sobre os
livros de exercícios da Porto Editora que, segundo denúncia de Rita Ferro
Rodrigues, serão "discriminatórios", uma vez que têm capas e labirintos
diferentes consoante serem para meninos azuis, meninas cor-de-rosa ou/a ,/ para/
Maria Vieira.
Em entrevista a Fernanda Cândido no DN, Secretária de Estado Graça Fonseca ,/
torna-se a primeira política portuguesa a assumir a homossexualidade em
funções. Mas o momento histórico é negligenciado pela maioria de pessoas
que não quer saber da "vida privada" das "figuras públicas", excepto/claro/se ,//
for a Cristina Ferreira a ser "encostada à parede".

Emigrante português morto pela polícia/em França/numa daquelas histórias ,//
onde os afectos de Marcelo não chegam.

Ex-minista de Hollande, Nicole Bricq, morre depois de cair das escadas.

Drone na Avenida dos EUA em Lisboa impede aterragem de dois aviões da ponte aérea que permitiria salvar Nova Berlim dos malditos turistas.

Portugal conquista pela primeira vez na história o Festival da Eurovisão com a canção Amar Pelos Dois de Salvador Sobral.

Condutor do Bronx atropela indiscriminadamente na Times Square, Nova Iorque, matando pelo menos uma pessoa.

Morre o actor Powers Boothe.

Morre o antigo vice-primeiro-ministro de Timor, Mário Carrascalão.

Chris Cornell dos Soundgarden suicida-se por enforcamento no mesmo dia em que Ian Curtis dos Joy Division se suicidou por enforcamento em 1980.

Brighton sobe à primeira liga inglesa 35 anos depois.

Morre a supercentenária italiana Emma Morano, a última pessoa nascida no século dezanove.

"Centenário atinge todo o seu esplendor" confessa Bispo de Leiria.

Jovem de 17 anos morre vítima de sarampo na Estefânia, relançando o debate sobre a vacinação obrigatória em Portugal e originando um auto de fé aos pais que não vacinam os seus filhos.

Começa a Liga: vídeo-árbitro anula todos os golos marcados pelo FC Porto e pelo Rui Moreira contra o Benfica.

Carlos Carvalhal do Sheffield Wednesday falha subida à Premier League inglesa nos penáltis.

Anexo 2: Excertos exemplificativos da segunda revisão (tipográfica)

4. Galileu trocou a República de Veneza pela corte de Florença 45

assegurar aos astros uma fama imortal. Quanto a mim, trago-me à vossa lembrança como alguém que se conta entre os mais fiéis e dedicados servidores e que considera a maior das honras ter nascido como vosso súbdito.

Pois que todo o meu anseio é estar mais próximo de vós, mais próximo do Sol nascente que há-de iluminar esta era.

Galileu / Galilei / . /

4

GALILEU TROCOU A REPÚBLICA DE VENEZA PELA CORTE DE FLORENÇA.
AS SUAS DESCOBERTAS ATRAVÉS DO TELESCÓPIO ESBARRAM CONTRA A
DESCRENÇA DO MUNDO ERUDITO DA CORTE.

O velho diz: Sou como fui desde a primeira hora.
O novo diz: Se não prestas, vai-te embora.

Casa de Galileu em Florença. A senhora Sarti está a fazer preparativos no gabinete de trabalho de Galileu para receber convidados. Andrea, o filho dela, está sentado a arrumar mapas celestes.

SENHORA SARTI Desde que começou a nossa bendita permanência nesta decantada Florença que as medidas e o lamber de botas nunca mais acabam. A cidade inteira desfila diante deste canudo e eu depois que limpo o chão. E não há-de servir de nada! Se essas descobertas valessem alguma coisa, os senhores da Igreja haviam de sabê-lo melhor que ninguém. Estive quatro anos ao

cara: Quem é que sabe hoje o que se vai passar amanhã?

GALILEU Se vierdes, será que me podíeis fazer chegar também um livrinho de que preciso para o meu trabalho?

O HOMEM *com um riso abafado:* Como se agora fosse um livro que importasse. Já é uma sorte receberes pão.

GALILEU Mas aquele rapaz, que é meu aluno, vai lá estar e dá-vos o livro para mim. É o mapa com o tempo de revolução de Mercúrio, Andrea, não sei onde é que o pus. És capaz de o arranjar na escola?

Os homens já prosseguiram o seu caminho.

ANDREA Claro que sim. Eu vou buscar o mapa, senhor Galileu. Sai.

Também Galileu se recolhe. A mulher de idade sai da casa da frente e vai pôr uma bilha à porta de Galileu.

6.

1616: O COLLEGIUM ROMANUM, INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO DO VATICANO, CONFIRMA AS DESCOBERTAS DE GALILEU

Eis uma coisa rara de se ver
Os professores porem-se a aprender.
Clavius, homem de unção,
A Galileu deu razão.

Sala do Collegium Romanum em Roma. É de noite. Dignitários da Igreja, monges, doutores, em grupos. À parte, sozinho, Galileu. Reina grande animação. Antes de a cena se iniciar, ouvem-se risos estentóreos.

UM PRELADO GORDO *agarra-se à barriga de tanto rir:* Ó estupidez! Ó estupidez! Só queria que me dissessem uma asserção em que nunca ninguém tenha acreditado.

UM DOUTOR Por exemplo, que as refeições vos infundem uma repulsa invencível, Monsignore.

O PRELADO GORDO Há quem acredite, há quem acredite. Só no que é racional é que ninguém acredita. Que o demónio existe, disso duvida-se. Mas que a Terra gira como um berlinde na valeta, nisso acredita-se. *Sancta simplicitas!*

Anexo 3: Exemplos de material produzido para os 30 anos da Cotovia



Bons livros desde 1988

Virginia Woolf (1882-1941)

"Soube afirmar o carácter circunstancial e fragmentário das situações humanas apreendidas pela corrente de consciência dos personagens considerados, por essa razão, inacabados."

Semanário



Ficção

O Quarto de Jacob
Virginia Woolf



"Jacob vive nas páginas do romance como um sopro de vento, como as impressões visuais que nos afloram os olhos e tombam nas telas de Cézanne ou de Manet, como as notas de uma sinfonia, como os movimentos, quase imperceptíveis, do corpo ou com o esboço de emoções porque Virginia Woolf desconfiava da realidade, da sua pequenez, para ir mais longe, até ao fundo das coisas."

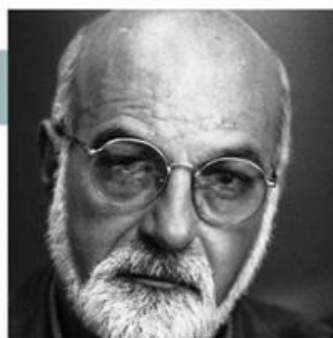
Linda Santos Costa, JL

Bons livros desde 1988

Ruy Duarte de Carvalho (1941-2010)

"Havia nele uma enorme paixão pela literatura e um imenso respeito, como observador, pelos povos que frequentava"

André Jorge



Ficção



"*Vou Lá Visitar Pastores* é uma introdução, para iniciados, a uma outra angola. A da terra como lugar de subsistência a do nomadismo pastoril, a das sociedades indomadas pela ordem natural das coisas."

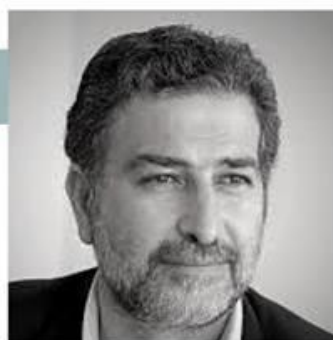
Vida Mundial

Bons livros desde 1988

Samir Kassir (1960-2005)

"(...)Um dos exemplos do pensamento renovado que existe dentro do grande mundo muçulmano."

Expresso



Ensaio



"Breve ensaio em sete capítulos, Considerações Sobre a Desgraça Árabe é tão implacável com a dominação estrangeira como no escalpe dos regimes árabes. E desmonta o «choque de civilizações» que convém aos novos cruzados de um lado e do outro."

Alexandra Lucas Coelho, Público

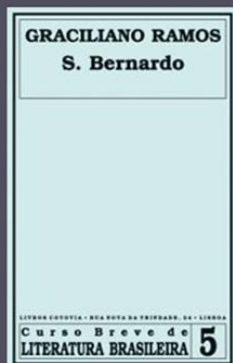
"Este ensaio, na sua exiguidade fraccionada por sete capítulos, comporta todavia uma leitura lúcida e optimista a um só tempo do futuro que o franco-libanês [Samir Kassir] nunca chegou a viver."

Essencial."

Jornal de Notícias

Anexo 4: Exemplos de material para divulgação em redes sociais

A Cotovia cita



Tenciono contar a minha história. Difícil. Talvez deixe de mencionar particularidades úteis, que me pareçam acessórios e dispensáveis. Também pode ser que, habituado a tratar com matutos, não confie suficientemente na compreensão dos leitores e repita passagens insignificantes. De resto isto vai arranjando sem nenhuma ordem, como se vê. Não importa. Na opinião dos caboclos que me servem, todo o caminho dá na venda.

S. Bernardo, de Graciliano Ramos - Coleção Curso Breve de Literatura Brasileira



A Cotovia cita



O homem insiste na criação artística para satisfazer a sua necessidade biológica de auto-expressão. A arte é um dos caminhos que disponibilizou os meios propícios – a que aqui poderemos chamar uma linguagem – para saciar com êxito esse ímpeto. Assim, a arte é uma coisa que pertence a um tipo especial, uma espécie da natureza e, como qualquer espécie do mundo físico, progride de acordo com determinadas leis que lhe são próprias.

A realidade do artista. Filosofias da arte, de Mark Rothko – Coleção Arte



A Cotovia cita



Alguns dos projectos que me aparecem na mesa de trabalho são, na verdade, bastante estapafúrdios. Por exemplo, há um sujeito – o Dr. Teófilo Miranda –, professor aposentado do liceu, que na reforma acalenta velhos projectos em torno da literatura portuguesa e de quando em quando me importuna com a ideia de verter em prosa a lírica de Camões e os autos de Gil Vicente e, inversamente, metrificar os sermões do Padre António Vieira – e quer que a editora lhe publique isso em livro. O sujeito é parente afastado da minha mulher e usa perversamente essa circunstância para voltar regularmente à carga. Diz ele que tem o trabalho praticamente concluído e assedia-me lá de meio em meio ano para que lhe dê o OK.

Singularidades, de A.M. Pires Cabral – Ficção



Anexo 5: Exemplos de biografias, sinopses e notas de imprensa

- **Eugene O'Neill** (1888-1953): notável dramaturgo norte-americano, Prémio Nobel em 1936. “Define-se pela procura do trágico no contemporâneo, e por uma aplicação de modelos e normas clássicos à realidade americana” (Mário V.Bastos *in O Independente*).
- **Carlos Drummond de Andrade** (1902-1987): dos maiores poetas brasileiros do século XX. Sobre ele, diz Aroldo Ferreira Leão: “Drummond eleva sua criação a patamares de altíssima qualidade, recria em si mesmo uma investigação sucinta sobre a realidade humana, dialoga com [os] seus fantasmas num misto de pessimismo e solidão ante o cru [quotidiano em] que estamos envolvidos desde a concepção do mundo, retrata no tempo a ancestralidade viva [dos] seus mortos com bastante precisão”
- **Francis Ponge** (1899-1988): apelidado de “o poeta das coisas” recebeu, em 1959, o Prémio Internacional de Poesia. “Um ‘escritor-manipulador-sintáctico’, um ‘poeta teórico’ (...) o habitante do universo singular que ele próprio criou”, assim o definiu Mário Santos (*in Público*).
- **Hubert Fichte – *Um Amor Feliz*** (Imprensa): “A sua obra é considerada uma fonte de inspiração para novas disciplinas, como os Estudos Queer ou os Estudos Pós-coloniais, em que a crítica económica, a (homo)sexualidade e a auto-reflexão se tornam ferramentas metódicas.” **DN**
- **A.M. Pires Cabral – *Singularidades*** (Imprensa): “Oito contos, oito golpes de finíssima ironia a abrir brechas num quotidiano palpável, de aparência regular, e sorrisos em quem não veio ao mundo desprovido de sentido de humor.” **Sol**

- **Kakuzo Okakura – *Livro do Chá*** (Imprensa): “ Em estilo e conteúdo é um livro que só poderia resultar de uma profunda inspiração – e, porque não dizê-lo, de uma grande sabedoria de vida: «Porque o Chaísmo é a arte de ocultar a beleza para que a possamos descobrir, de sugerir o que não ousamos revelar».”

Noticias Magazine

- **Charles Tomlinson – *Poemas*** (Sinopse): “Para o inglês Charles Tomlinson, o mundo permanece opaco e o raro descortinar obtêm-se pela atribuição de uma transparência frásica que será o espelhamento objectivo do seu mistério insondável.” **Expresso**
- **Arnold Wesker – *Três Peças para Uma Mulher*** (Sinopse): As três peças são “monólogos de mulheres em diversas situações da vida. «Desbarato» (1987) é um monólogo em quadros de uma mulher abandonada pelo marido. «O que é feito de Betty Lemon» recria o universo da velhice de uma *lady* inglesa. E a última, «Carta a uma filha» (1992) é uma pérola. Uma cantora de 35 anos quer explicar à sua filha de 11 as transformações que estão a ocorrer no seu corpo. Acaba por falar da sua vida, pedir desculpas pela sua inépcia e tentar dizer que apenas fez aquilo que sabia.” **O Independente**